

CÁ E LÁ: ATENUAÇÃO, REFORÇO E OUTROS VALORES MODAIS EM PE

CÁ AND LÁ: MITIGATION, STRENGTHENING AND OTHER MODAL VALUES IN EP

Aldina MARQUES
Universidade do Minho / Centro de Estudos Humanísticos
mamarques@ilch.uminho.pt

Isabel Margarida DUARTE
Universidade do Porto / Centro de Linguística da Universidade do Porto
iduarte@zonmail.pt

Abstract. This work aims to study the language units *cá* and *lá* analyzing them from an enunciative-pragmatical perspective, theoretically distanced from the traditional grammar description. These elements are usually considered only as adverbs, but, in our informal conversations, we apply them with many other pragmatic values. This is a corpus based investigation, as we've used a corpus of oral conversations. We'll analyze the polyfunctionality of the units, trying to demonstrate that there is a *continuum* of values from *deixis* to modal and pragmatic ones. We'll also analyze the use of these units as softeners.

Key words: Mitigation; Strengthening; Modal values in PE.

Resumo. O objetivo deste trabalho é o estudo das unidades *cá* e *lá*, analisadas de uma perspectiva enunciativo-pragmática, distante teoricamente da descrição da gramática tradicional. Esses elementos eram considerados advérbios de lugar, mas, nas nossas conversas informais, atribuímos-lhes valores pragmáticos variados. O estudo baseia-se num corpus de conversas orais. Analisaremos a polifuncionalidade das unidades, tentando demonstrar que existe um *continuum* de valores, desde a *deixis* até valores modais e pragmáticos. Também analisaremos o uso de *cá* e *lá* como atenuadores.

Palavras chave: Atenuação; Reforço; Valores modais em PE.

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é o estudo das unidades linguísticas “cá” e “lá”, analisadas de uma perspectiva enunciativo-pragmática, distanciada, teoricamente, da descrição feita pela gramática tradicional. Não iremos considerar estas unidades meros advérbios de lugar, como tradicionalmente são classificadas, dado que, nas nossas conversas informais, as utilizamos com muitos outros valores, não referidos nas gramáticas.

Esta investigação tem como antecedentes alguns trabalhos, em que a mesma perspectiva teórica tinha já sido adotada, mas em que o funcionamento de “cá” e “lá” tinha sido estudado em obras literárias, sobretudo em relatos de personagens em discurso narrativo (DUARTE, 2010). A proposta agora apresentada avança, a nosso ver, em adequação, dado que tem por base um *corpus* oral, porque acreditamos que é nesse

tipo de discurso, sobretudo num registo informal-coloquial oral¹, que as unidades em causa mais aparecem. Aliás, quando as procurávamos em relatos de personagens de textos considerados coloquiais, dentro de romances, era por termos a perceção de que estas eram unidades típicas de interações orais relativamente informais, que certas narrativas mais realistas particularmente pretendiam mimetizar.

O *corpus* utilizado é o do projeto *Perfil sociolinguístico da fala bracarense*, com a referência FCT PTDC/CLE-LIN/112939/2009, composto por 75 entrevistas, num total de cerca de 75 horas de gravação áudio. Os documentos analisados são, portanto, interações orais, coloquiais². Esta característica é fundamental para a determinação do objeto da nossa análise, dado considerarmos que “cá” e “lá” são marcas de coloquialidade. Uma primeira abordagem deste *corpus* oral permite, desde logo, a constatação, que corrobora os trabalhos anteriormente referidos sobre *corpora* ficcionais, de que existem mais ocorrências de “lá” do que de “cá”³.

Os objetivos deste trabalho são os seguintes: 1. Analisar a polifuncionalidade de “lá” e “cá” no *corpus* oral referido; 2. Mostrar que há um *continuum* de valores que vai da deixis a valores modais e pragmáticos específicos; 3. Determinar os usos das unidades em causa enquanto atenuadores.

2. Quadro teórico

Tendo por base uma conceção enunciativo-pragmática do funcionamento destas unidades, recolhidas num *corpus* de ocorrências autênticas, iremos procurar, sobretudo, o respetivo valor pragmático, no âmbito dos estudos sobre atenuação linguística. Partimos, para a pesquisa, da conceção teórica de Briz, que escreve o seguinte, a propósito do conceito em causa:

A atenuação linguística relaciona-se sempre com a eficácia e com a atividade argumentativa [...] *é uma atividade argumentativa (retórica) e estratégica de minimização da força ilocutória e do papel dos participantes na enunciação*, para conseguir chegar-se com sucesso à meta prevista e que é usada em contextos situacionais, com menor carácter imediato ou que requerem ou se deseja menos imediatez comunicativa. (BRIZ, 2013, p. 283 e 284, itálico nosso)

¹ Segundo BRIZ, 2009: 26, “Convencionalmente y en abstracto se pueden distinguir dos tipos de registros, el formal y el *informal-coloquial*, los cuales podrían ser entendidos como dos extremos imaginarios dentro del *continuum* de manifestaciones de habla según la situación de comunicación (...) identificables y favorecidos inicialmente por ciertas condiciones de producción y recepción de los discursos, tales como la relación de proximidad entre los participantes, su saber y experiencia compartidos, la cotidianidad, el grado de planificación, la finalidad de la comunicación (interpersonal, transaccional, estético-estilística)”.

² Sobre as características do género entrevista sociolinguística ver MARQUES, 2014.

³ Uma análise quantitativa ficará para outro momento desta investigação.

Esta teoria convoca a questão mais geral da competência comunicativo-pragmática que os falantes devem possuir, se querem que os seus discursos consigam atingir os objetivos propostos. A atenuação serve-se “de diferentes recursos verbais” (BRIZ, 2013, p. 286), sendo as partículas em análise, no caso do Português Europeu, instrumentos usados quer para atenuar quer, em menor número de ocorrências, para reforçar a força ilocutória de um determinado ato, seja ele diretivo, assertivo ou expressivo. E neste jogo de atenuação e reforço, “cá” e “lá” apresentam algumas diferenças que devem também ser analisadas.

Como Cuniță (2003) mostrou, referindo o francês, não se pode limitar o estudo destas unidades ao seu carácter adverbial de lugar, porque o espaço do “eu”,

ce point de repère, indispensable à la localisation de l'événement énonciation, n'est pas un espace vide, extérieur à toute présence humaine ou même à toute existence humaine. Bien au contraire il s'agit, à chaque fois, d'un espace occupé – physiquement parlant – par celui qui produit l'énoncé, respectivement par son interlocuteur, ou bien un espace regardé – physiquement ou mentalement – par le premier. À travers la dimension spatiale spécifique ci-dessus, il est donc question toujours des participants à l'acte de communication, du locuteur et de l'allocutaire. (CUNIȚĂ, 2003, p. 70).

É por os participantes na situação de interlocução estarem presentes na materialidade e na construção linguística do respetivo discurso que é tão fácil passar de uma dimensão estritamente adverbial para outras de carácter modal.

3. “Lá” e “cá”, formas e usos.

Além das formas simples de “cá” e “lá”, existem algumas fórmulas idiomáticas mais complexas, com graus diferentes de cristalização (cf. TEIXEIRA, 2011), de que essas partículas fazem parte. Vale a pena passá-las em revista, dado que são muito frequentes no *corpus* analisado e, nelas, o valor das unidades em estudo se afasta, significativamente, do valor adverbial de lugar. Vejamos, pois, os seguintes exemplos⁴.

- (1) **Lá está**: “E: •• Hum hum. ••• Espera aí/ mas **lá está**, só vês desvantagens, •
• mas ainda assim és a favor. Hum. Isso não é um bocado um paradoxo?”

⁴ Convenções de transcrição: foram usados sinais de pontuação com os valores estabelecidos pelas regras de escrita (., ?, !, :); sobreposição de falas: (aaa); sinais paraverbais: ((aaa)); excertos incompreensíveis ((aaa)); interrupção (aaa/) discurso direto (: -) pausa longa (•••), pausa breve (••) entrevistadora (E:); entrevistado (I:). Os itálicos e negritos assinalam excertos em análise.

(2) **Vá lá ver/ vamos lá ver:** “I: • • • ((incompreensível)) • • **Vá lá ver**, pronto. Alargou, não é?”/

E: Que ((hesitação)) que canais gosta mais de ver?

I: • • • Ora, **vamos lá ver**, que canais. Ve/ vejo os canais normalmente para ver para ver ((hesitação))

(3) **Vê lá:** “E vê lá que a Blair era era mesmo conhecida como a rainha • • da escola.”

(4) **Vá lá:** “I: passado uma hora ou duas, portanto, é assim mais dois ou três autocarros, não... • • Mesmo muito poucos. • • Mas esse da estação sei que agora anda até às onze.

E: • • **Vá lá.**

I: É porque agora prolongaram.”

(5) **Espera lá:** “I: • • Tem alguma coisa para mudar isso. Eles não mudam nada. É sempre/ o que eles querem é encher o cu para eles e foder os outros.

E: ((risos))

I: • • **Espera lá** que já almoçaste. ((risos))”

(6) **Lá vai:** “As pessoas quando for a fazer a circulação numa numa estrada de uma ponta a outra • • ((hesitação)) só em portagens • • e gasolina **lá vai** o lucro, • • não é?”

(7) **lá vai:** “((risos)) • • • **Já lá vão** quarenta anos.”

(8) **para lá:** “• • E • • chegou ali: • • - Olhe, eu quero este jornal, quero aquele e tal. • • E • • e utilizou **para lá** uns palavrões, • • pagou e foi-se embora.”

(9) **Não vamos lá:** “• • eu expus o meu problema, disse: - Isto assim **não vamos lá.**

Nos exemplos (10) e (11), a partícula “lá” altera o valor de verdade da proposição dado que “sei lá” e “quero lá saber”, significam, literalmente, “não sei”, e “não quero saber”. A este valor está, contudo, agregado outro. “Sei lá” é uma estrutura de negação, que ocorre em enunciados de registo informal e marca um afastamento, de natureza axiológica, entre o locutor e o objeto do seu dizer.

(10) **Sei lá:** I: • • Primeiro, ajudava a minha mãe. E depois, **sei lá.** • • Passava uma boa vida. • • Não sei”.

(11) **Quero lá saber:** “•• - Ei, não vou que vergonha. Mas depois: - Ó, sou caloira. **Quero lá saber.** ••• Tipo •• na boa.”

(12) **(por) dá cá aquela palha:** “•• o português vernáculo, as pessoas ••• **dá cá aquela palha** eram palavras abaixo e acima. Mas faziam aquilo com uma certa naturalidade sem maldade, sem •• pronto, era forma de ser,”

A distância física que “lá” adverbial marca em relação ao locutor transforma-se em distância modalizada, com valor apreciativo, que encontramos também em (4) *vá lá* e (8) *para lá*. Em (6) e (7) *lá vai [o lucro]* e *já lá vão [quarenta anos]*, o afastamento físico (espacial ou temporal) predomina, mas o afastamento linguístico, do locutor relativamente ao objeto do seu dizer, é uma vertente fundamental do sentido.

Em (1), na construção de um movimento argumentativo, *lá está* marca a pertinência do raciocínio argumentativo em curso; a mesma atividade de construção argumentativa está presente em (4) *vá lá!* que ativa implícitos com os quais o locutor pretende que o alocutário se identifique; em (9) *assim não vamos lá* introduz a contestação argumentativa. Já em (2), *vá lá ver / vamos lá ver* têm função de regulador interacional. Finalmente, em (12), *por dá cá aquela palha* apresenta um grau de cristalização que fez desaparecer quaisquer valores específicos de *cá*.

3.1. “Cá” e “lá”: enunciação e categorias deícticas

As unidades estudadas têm, num primeiro momento, um valor claro de adverbial de lugar, que consideramos básico, sendo, por excelência, parte da *deixis* espacial. Se tivermos em conta, sobretudo, esse valor locativo, “cá” marca a coincidência com o espaço do eu, o território psíquico do locutor, enquanto “lá” marca o espaço do outro, da terceira pessoa. Parece ser deste valor básico que derivam, depois, os outros que aqui analisamos, ligados quer à modalização quer a valores ilocutórios dos atos discursivos. Esta *deixis* espacial desloca-se, por vezes, como vimos, para usos temporais e até, com menor frequência, para funcionamentos anafóricos dentro da unidade texto.

Vejamos dois exemplos em que as partículas “lá” e “cá” têm claramente um valor adverbial de lugar:

(13) •• E depois •• uma senhora, •• lá está, pediu para ir **para lá** •• e estávamos três senhoras **lá** a trabalhar, •• eu/ mas era a mais antiga

(14) •• E, entretanto ela ia estando em Nine, •• depois a chamei **para cá** ••

Estas unidades, no entanto, podem assumir também um valor adverbial temporal, como nos exemplos abaixo. Com valor deítico temporal, “lá” marca um afastamento relativamente ao agora da enunciação, por vezes, como se disse, com funcionamento textual anafórico, como em (15), em que “lá” retoma, anaforicamente, a expressão temporal “quase no final do ano”.

(15) I: • • só mesmo quase no final do ano é que começaram a conseguir falar com alguém, • • porque até **lá** ninguém lhes ligava nenhum, e só falam porque, pronto, ainda vão sendo bons alunos e ainda vão”.

Em (16), “lá” acrescenta vagueza e imprecisão à informação temporal prestada, marcando, mais uma vez, o distanciamento face ao momento da enunciação:

(16) “I: Acho que só **lá** para finais de dois mil e treze”.

Inversamente, “cá” assume um valor temporal de aproximação ao momento da enunciação:

(17) : Agora daí para **cá** começou a haver aquela evolução de se • • beijarem nos bancos de jardim e quase/ • • e estar logo um por cima doutro lá mesmo nos bran/ nos bancos do jardim, é um

3.2. “Lá” e “cá”: *continuum de valores*

“Lá” estabelece uma distância entre o centro deítico do Locutor e algo de que se fala; remete para o território da não pessoa, afastado do eu. Há uma distância (quase) física que nos permite considerar que esta unidade contribui para situar discursivamente aquilo de que se fala a meio caminho entre a *deixis* e a modalização.

(18) Toda a gente reclama. • • É verdade. • • • Às vezes, • • há gen/ ((hesitação)) já foram apanhados **lá na escola** • • que • • compravam comida enlatada • • • para nós.

(19) I: • • • Cuidam/ plantam milho, batatas, estamos/ agora estão a plantar as batatas • • e o cebolo. • • • Cuidam de **lá** dos campos • • e do do gado que o meu avô tem,

(20) E: • • • Miúdos do sexto?

I: • • • Têm **lá** irmãos no oitavo ou no nono. No oitavo ou no nono. Ao fim, eles convencem e eles **lá** vão • • atrás deles.

Nem sempre é possível determinar de modo inequívoco se estamos perante um comportamento de adverbial de lugar, se podemos já considerar o “lá” como marcador de distância, já não deítico. A escola (18) e (20) e os campos (19) parecem ser lugares afastados, afetivamente, dos interesses do enunciador. Na última ocorrência do exemplo (20), não estamos já, seguramente, dentro do campo da *deixis*: “e eles lá vão”, afastando-se do caminho que deveriam trilhar, afastando-se do que é a posição moral do “eu” locutor. Estamos, portanto, já do lado do distanciamento psíquico, no território da não-pessoa, do “eles”: “eles lá vão”. Mas, mais do que valores estanques, trata-se, nestes casos, de desiguais saliências de sentido, particularmente devedoras do contexto em que ocorrem.

Da distância física para a atenuação, “lá” faz, por conseguinte, um percurso que é um *continuum*. Movimentos idênticos sucedem com o “cá”, quase sempre de sentido inverso ao de “lá”, ou seja, “cá” marca a territorialidade do *eu* a “direccionalidade no sentido da pessoa do falante” (FRANCO, 1991, p. 221). Tal como “lá”, “cá” mostra a mesma passagem gradativa de usos deíticos a usos não deíticos. Atentemos aos seguintes exemplos:

(21) também conforme se era estes ou aqueles. Não queria **cá** dinheiro para estar... • • Dividia/ dividia-o todo dessa maneira.

(22) • • Digo assim: - Olha, • • quando ((hesitação)) for tudo para dentro, • • vós ponde-me isto depois eu • • **cá** vos agradeço. • • E elas é que prepararam o lanche todo.

(23) E eu não sabia nada de nada nada nada de hotel, mas eu eu eu **cá** me desenrasquei. Eles mandaram-me **lá** os fiscais,

3.3. Valores modais e ilocutórios de “cá” e “lá”

3.3.1. Valores modais

“Lá” é usado, frequentemente, para marcar um valor epistémico que poderemos considerar polifuncional. Por um lado, (a) o uso da partícula mitiga a validade do enunciado e evidencia a imprecisão, a não responsabilização do locutor relativamente ao conteúdo do que assere, como nos exemplos (24) e (25):

(24) I: • • E encontrou a gata assim no meio da estrada. Então o meu irmão • • sem medo, pegou na gata a sangrar por todos os lados, trouxe-a para casa e disse

à minha mãe para tratar da gata. • • A minha mãe foi **lá** fazer os seus curativos tipo médica.

(25) Aqui até diziam que era da... Devia ter cavaliça. Não é? Do tempo **lá** dos padres. Não sei.

Por outro lado, (b) “lá” tem um valor epistémico de probabilidade, integrando aí um particular valor de expectativa, como no exemplo (26), onde poderíamos acrescentar algo do tipo “como é de prever”, ou “como é provável que aconteça”:

(26) I: ((risos)) • • A minha gravação não vai para mostrar aos professores de Física, pois não? É que senão estou perdida, **lá** se acabou **lá** se acabou a minha licenciatura. ((risos))

O valor de atenuação, sobretudo existente em “lá”, a atenuação do falante, referida em Briz (2013), é uma estratégia de autoproteção do falante. Para exemplificar este processo de construção da atenuação, retomamos o exemplo anterior, em que, e de acordo com as análises propostas em BRIZ (2013) e BRIZ & ALBELDA (2013), o elemento desencadeador é o ato de pergunta «A minha gravação não vai para mostrar aos professores de Física, pois não?», o elemento atenuado é o enunciado «É que senão estou perdida, **lá** se acabou **lá** se acabou a minha licenciatura. ((risos))» que integra o elemento atenuador “lá”. Vale referir que o mesmo enunciado pode acumular vários atenuadores, neste exemplo, há também um atenuador de natureza não verbal, os ((risos)).

Quanto à “cá”, pelo contrário, reforça normalmente a assertividade do enunciado, ao mostrar uma atitude epistémica de convicção e chega, por vezes, a funcionar como superlativador:

(27) Mas eu eu, para mim, cada pessoa tem... cada... Para mim, cada pessoa é o que tem de ser. Não... Isto não há **cá**: tu tens de ser assim porque porque é o que tem de ser. Não. Acho que não

O valor modal avaliativo de “lá” mostra, sobretudo, uma atitude avaliativa negativa (incorporada a estruturas negativas), como no exemplo seguinte:

(28) E: • • • Bem, é difícil chegar se calhar a todos os lados. O sinal não é **lá** grande espiga.

Como se vê no exemplo (28), “lá” marca uma atitude avaliativa negativa. Poder-se-ia parafrasear o enunciado por “não é assim grande espiga”, ou seja, o sinal não é

bom e o “lá”, marca de afastamento em relação ao centro deíctico “eu”, marca de distância avaliativa, vai no mesmo sentido da apreciação negativa. O afastamento que “lá” pode veicular está ao serviço de uma avaliação negativa, que, no entanto, mitiga, reforçando o valor eufemístico do enunciado. Este uso está associado a estruturas sintáticas de negação.

Pelo contrário, “cá” marca, sobretudo, uma avaliação positiva. O locutor avalia positivamente o conteúdo do seu dizer. São opiniões próprias que pretende valorizar pelo uso de “cá”, que tem assim uma função de reforço positivo relativamente ao conteúdo enunciado:

(29) É uma cidade que eu gosto muito Guimarães não não não alinho **cá** em rivalidades, isso é só no futebol.

(30) mas a verdade é que, no tempo do Salazar, a economia funcionava porque era tudo direito, não havia **cá** • • • • ((hesitação)) coisas de ... meio meio...mal explicadas, não havia **cá** empresas com pessoas de tachos e coisas do género.

3.3.2. valores ilocutórios

A partícula “lá” funciona como atenuador de diferentes tipos de atos ilocutórios. É muito frequente nos diretivos, caso em que mitiga a força ilocutória, sobretudo nos diretivos mais impositivos, para conseguir a aceitação do alocutário. Há um envolvimento do locutor com o conteúdo do seu dizer que tem repercussões necessariamente na construção da relação interpessoal (é o procedimento retórico de *captatio benevolentiae*, ou, em termos da análise do discurso em interação, a construção de uma relação interpessoal próxima). O locutor pretende, assim, “prevenir possíveis danos à imagem ou, ainda, problemas causados pela intromissão ou invasão do território ou espaço do outro. É um modo de evitar tensões e conflitos (portanto, salvaguardar o locutor (“eu”) e o interlocutor (“tu”)).” (BRIZ, 2013, p. 287). Com este valor de envolvimento e busca da cumplicidade do locutor, “lá” ocorre, sobretudo, em diretivos e expressivos. De notar que a prosódia é fundamental, nestes casos, para se distinguir se o valor é atenuador ou de reforço. A atenuação está fortemente implicada na construção das relações interpessoais, promovendo uma proximidade (afetiva) e contribuindo para uma atitude linguística de maior cortesia. O locutor, ao pretender defender a face do interlocutor, atenuando ou mitigando atos ilocutórios de tipo variado, está a respeitar o

Princípio da Cortesia (LEECH, 1983), criando condições propícias para que os seus atos discursivos sejam felizes:

(31) E: Eu não sei fazer sopa.

I: Não sabe?

E: Não.

I: Sabe sabe.

E: Não sei nada.

I: Não?

E: **Diga-me lá.**

I: Oh, não me diga isso.

E: **Diga-me lá.**

I: Não me/ não/ nem quero ouvir.

(32) I: Ai, mas isso tenho que fazer com a minha mãe, que eu as natas não não sou muito bom. É só mais cozinhar o bacalhau.

E: • • Sim, mas então **diz lá** o que é que, o que é que tu fazes.

As ocorrências de “lá” são também muito frequentes em atos expressivos::

(33) I: E os resultados estão-se a ver. • • • **Desculpe lá**, eu não sei se...
((hesitação))

E: Não não não. Não peça desculpa. Não, eu gosto de ouvir estas coisas, gosto de...

Os atos assertivos estão estreitamente relacionados com a modalidade epistémica, referida no ponto anterior. No exemplo (26) acima apresentado : ((risos)) •
• A minha gravação não vai para mostrar aos professores de Física, pois não? É que senão estou perdida, **lá** se acabou **lá** se acabou a minha licenciatura. ((risos)), “lá” mitiga a imposição gerada pela assertividade, associada a um valor epistémico (hipotético), contribui para uma estratégia de autoproteção. A integração num ato de justificação acentua essa função mitigadora.

Como Briz afirma, relacionando modalização da asserção, autoproteção e capacidade argumentativa:

[...] debilita-se ou minora-se a força argumentativa com relação à verdade ou à certeza do enunciado, ao grau de conhecimento ou ao compromisso do falante. Seguramente tudo é disfarçado. Expressão de dúvida, de possibilidade, de incerteza são táticas que subtraem responsabilidade, que previnem ou que reparam, são escudos

autoprotetores quando não também protetores do outro.” (BRIZ, 2013: 290)

Pelo contrário, mas obedecendo à lógica que subjaz ao funcionamento pragmático-discursivo das unidades linguísticas “cá” e “lá”, nas ocorrências de “cá” em atos diretivos a partícula usa-se como intensificador (ligado a uma atitude epistémica de convicção), como no exemplo seguinte:

(34) ••• E eu assim: - Ora mostra a carta, deixa **cá** ver a carta. ••• - E também tenho aqui a fotografia dela. - Então deixa ver.

De modo homólogo, nos atos assertivos, “cá” funciona como intensificador, marcando uma maior convicção do Locutor relativamente à asserção realizada.

(35) I: também se fosse preciso, •• também, também mandava **cá** um bocado. •
•• E sem nunca •• ultrapara/ ultrapassar o meu •• o meu sócio. ••• E ... •• Mas eu notava isso, que •• em Guimarães as pessoas são muito mais unidas.

4. Conclusões

Esta aproximação às partículas “cá” e “lá” situa-se dentro de uma perspetiva enunciativo-pragmática, “tendo em conta as noções de estratégia, atividade retórica, atividade social, cortesia, minoração, distanciamento linguístico (e aproximação social), debilitação argumentativa, táticas de relativização, contextos com menor carácter imediato (existentes ou construídos no decorrer do contacto social).”, tal como refere BRIZ (2013, p. 285).

Embora apresentados e descritos segundo valores inversos de afastamento e aproximação, “lá” e “cá” têm na verdade valores gradativos que aproximam as duas partículas. De facto, em (36) e (37) *deixe lá ver* / *deixa cá ver* parecem situar-se numa relação de sinonímia.

(36) E: Qual foi a última viagem que fez? A última.

I: ••• A última? •• **Deixe lá ver.** ••• O último foi fui fui às ilhas,

(37) I: ••• E eu assim: - Ora mostra a carta, deixa **cá** ver a carta. ••• - E também tenho aqui a fotografia dela.

Mas os usos e valores de “cá” e “lá” são dependentes do contexto imediato em que ocorrem. Nestes dois excertos, é de notar a coocorrência de outras marcas de distanciamento físico (formas de pretérito perfeito em (36)) ou de aproximação/coincidência com o momento da enunciação (formas de presente e o

deítico espacial *aqui* em (37)). A não coincidência nestes usos cria outros efeitos de sentido como no exemplo (21) acima apresentado: “E eu não sabia nada de nada nada nada de hotel, mas eu eu eu **cá** me desenrasquei. Eles mandaram-me **lá** os fiscais”, em que o locutor introduz, com *cá*, uma dissonância que focaliza, numa avaliação positiva, a sua reação face ao acontecimento relatado.

Para esta investigação, inserida num projeto mais vasto sobre atenuação⁵, interessou-nos privilegiar, nesta fase, o valor de “lá” enquanto mecanismo de relativização ou indeterminação do que se expressa, isto é, de atenuador de diferentes tipos de atos de fala: diretivos, expressivos, assertivos. No caso em apreço, portanto, importa-nos “lá” como atenuador que faz parte de outro elemento, isto é, constitui um modificador atenuador de um ato (cf. Briz, 2013: 302).

Sintetizamos deste modo os usos de lá:

⁵ Trata-se do projeto Es.Por.Atenuación, coordenado por Antonio Briz (Universidade de Valência) envolvendo vários países e universidades e visando confrontar a atenuação em diferentes variedades do português e do castelhano.

LÁ	VALORES			
	deítico	espaço		
		tempo		
atenuador	atenuação do falante	atos assertivos	Modalização epistémica	
			Modalização avaliativa	
	atenuação do falante - ouvinte	atos diretivos		
			atos expressivos	

REFERÊNCIAS

BRIZ, Antonio. “A atenuação e os atenuadores: estratégias e táticas”, in *Linha d’Água*, n. 26 (2), 2013, pp. 281-314.

_____. *Español coloquial en la conversación. Esbozo de pragmagramática*. Madrid: Ariel Lingüística, 2009.

BRIZ, Antonio & ALBELDA, Marta. “Una propuesta teórica y metodológica para el análisis de la atenuación lingüística en español y portugués. La base de un proyecto en común (ES.POR.ATENUACIÓN)”. *ONOMÁZEIN* 28, Revista semestral de lingüística, filología y traducción (diciembre de 2013), Pontificia Universidad Católica de Chile, p. 288-319.

CUNITA, Alexandra. “De la dimension spatiale à la dimension temporelle: les adverbes *ici et là*” in Janeta DRAGHISCESCU (ed.) *Dix Ans de SDU*, Craiova: Editura Universitaria, 2003, p. 70-83

DUARTE, Isabel Margarida. «La dimension modale de *cá et lá* en portugais», in *Studii și Cercetări Lingvistice*, vol. LX, București: Editura Academia Română, 2010, pp. 179-195.

FRANCO, Antonio Capataz. *Descrição linguística das partículas modais no português e no alemão*. Coimbra: Coimbra Editora, 1991.

LEECH, Geoffrey. *Principles of Pragmatics*, London- New-York: Longman, 1983.

MARQUES, Maria Aldina. “Particularidades da deixis temporal em interações verbais orais do Português”, *Colóquio Internacional Tempo, Espaço e identidade na cultura portuguesa: 40 anos de estudos lusófonos na Roménia: Desafios e perspetivas*, Universidade de Bucareste, 11-12 de abril 2014.

PEREIRA, Mário. *Aspectos semânticos e pragmáticos de aqui, aí, ali, “cá” e “lá” em português europeu*. Porto: Faculdade de Letras (dissertação de mestrado), 2009.

RAPOSO, Eduardo Paiva et al. *Gramática do Português*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

TEIXEIRA, Ana Cláudia, «Micro-construções e gramaticalização: uma análise a partir de *vá lá* e *vamos lá*», Rev. Let. & Let. Uberlândia-MG v.27 n.1 p.163-178 jan.jun, , 2010, pp.163-178.